

## O amor maior que a lei

Por: Maria Clara Bingemer

Mais uma vez, o Natal nos faz olhar para uma criança. Uma criança especial. Não por ser mais bela, nem mais rica nem mais poderosa que as outras. Ao contrário, é uma criança pobre, nascida de mãe pobre, casada com um carpinteiro, parida em estrebaria porque não havia outro lugar onde sua mãe pudesse trazê-la ao mundo.

Essa criança teve seu nascimento testemunhado por pastores, gente humilde e sem importância. E desde o começo sua vida foi sofrida e difícil. Partilhou a dureza do cotidiano de seu povo. Não foi poupada do exílio, da pobreza nem de todas as dolorosas experiências humanas que enrijecem as entranhas e o corpo e ajudam a suportar os golpes do destino. Nasceu sem lugar para estar. E, no entanto, nasceu. Teimosamente, como a vida que contraria todas as expectativas e consegue encontrar o caminho da luz e do ar.

E mais um Natal passou e novamente as famílias do mundo inteiro interromperam suas rotinas e fizeram festa por causa dessa criança. Qual o sentido de toda essa movimentação? Por que o mundo inteiro faz festa em torno dessa criança, dessa criança precisamente?

O que faz essa criança diferente e especial é o amor. O amor que a fez vir ao mundo. O amor que fez com que Deus não se aferrasse às suas prerrogativas divinas e enviasse seu Filho ao tempo e à história, feito criança, bebê, indefeso e vulnerável. Aí, dentro da humanidade pobre, pecadora e mortal, quis realizar a salvação da humanidade. O mesmo amor fez sua mãe, Maria, acolhê-lo em seu ventre. Todos podemos imaginar o que representava essa gravidez naquele tempo para uma mulher solteira e prometida em casamento a um judeu honesto e justo em um contexto patriarcal onde a mulher infiel perdia os poucos direitos de que gozava.

À perda da honra e da reputação, se somaria a perda do homem amado. Homem algum aceitaria casar-se com uma mulher grávida de um filho que não era seu. Nem mesmo o justo José. Foi necessário que o seu amor também fosse maior que a lei. Foi preciso que ele também recebesse a revelação vinda de Deus que lhe dizia: José, não temas receber Maria como tua esposa porque o que nela acontece é do Espírito Santo. Bom, honrado e apaixonado José, que por amor obedeceu e abrigou a mãe e o filho que não era seu.

O amor que habitava Maria e José ajudou-os a crer e confiar no Deus de Israel, que sabia criar mundos do nada, transformar o deserto em jardim e fecundar mulheres estéreis. Para Ele nada era impossível. E Maria acreditou e disse sim. E José disse sim ao seu sim e recebeu-a em sua casa.

Esse mesmo amor bebido e respirado desde a mais tenra infância fez com que o menino em torno do qual todos se reuniram neste Natal, como em todos os outros, não transformasse em amargura as duras experiências vividas desde a mais tenra infância. Pelo contrário, esse amor encheu desde sempre seu coração de compaixão e misericórdia para com todos os sofredores deste mundo.

Por isto, neste e em outros Natais, voltamos a olhar para essa criança. Pois sabemos que é olhando-a e contemplando-a que podemos aprender a amar. Porque ela é o amor feito carne, feito gente, feito pessoa humana. Amor que todos desejam e a todos alcança.

Por causa dessa criança estamos aqui, vivos apesar de tudo, apesar do ano que passou e de tudo que passamos ao longo de seus longos e difíceis dias. Estamos aqui porque um dia

essa criança ao redor de cuja manjedoura nos reunimos cresceu e virou homem. Foi perseguido, preso, torturado e morto porque muito amou. Morreu sem lugar na sociedade onde vivia, fora das portas da cidade que era a sua. Nasceu anônimo, sem importância e sem lugar onde nascer. Morreu desprezado, torturado, condenado como criminoso, fora do espaço onde vivem as pessoas de bem.

É em nome dessa criança, que ensinou ao mundo a amar, que mais uma vez pudemos dizer e desejar uns aos outros: Feliz Natal! E ficar com a esperança de que no Ano Novo possamos aprender a amar um pouquinho mais, e ser e fazer os outros um pouco mais felizes.